

Um "Moisés" para salvação

JORNAL DE BRASÍLIA

ROBERTO MENDONÇA

* 8 ABR 1994

A crise que sacode o País, empurra a Nação para o ano 2000 com uma renda per capita anual de US\$ 506, de acordo com o Hudson Institute, uma das mais baixas do planeta, ficando pouco acima da Bangladesh, Etiópia, Somália e Nigéria. Mantidas as atuais manipulações das elites dominantes, levaríamos 130 anos para alcançar a atual renda per capita dos Estados Unidos. Não creio, como muitos dizem, que as elites dominantes no Brasil sejam as mais cruéis do planeta, porém, não tenho dúvidas que elas definitivamente não representam um modelo que mereça o nosso aplauso ou que possa ser seguido.

A CPI do Orçamento documentou e mostrou a toda a Nação através de "flashes" diários, a dimensão moral dos mandos e desmandos da desonestidade e corrupção praticados por essas elites.

Como agiria um Moisés na chefia da Nação, tendo do outro lado, nossas elites representadas por Faraó?

Moisés foi um grande líder, estadista e primeiro legislador da história da humanidade. Foi o homem usado por Deus para libertar e reestruturar a nação judaica que, oprimida e escravizada pelo Egito, enfrentava as maiores dificuldades. Sua história foi documentada por ele mesmo, quando, ao final de cada jornada, elaborava o diário, que foi transformado nos cinco livros denominados "Pentateuco".

Este homem, que, quando recém-nascido, fora encontrado nas águas do rio Nilo e criado como filho da filha do Faraó, recebeu sua educação na corte de Faraó e teve acesso a todas as ciências dos egípcios. Foi fundador da Universidade de Heliópolis e reconstruiu parte da capital egípcia. Um dia, deixou a corte e tudo que ela representava para peregrinar pelo deserto de Midiã, orando e meditando. Deus porém lhe aparece no meio da sarça ardente e o convoca para a grande missão de reorganizar a nação judaica esfacelada. Volta ao Cairo, convence Faraó a permitir que o povo judeu, pela fé, possa celebrar livremente a Festa da Páscoa. Pela fé leva o povo judeu a atravessar o deserto e ordena em nome do Senhor que as águas do Mar Vermelho se abram para que a nação judaica possa atravessar a seco, alcançando a terra de Canaã. Moisés fala com Deus no Monte Sinai e edita as Tábuas da Lei (Dez Mandamentos) escritos com fogo pelo dedo de Deus.

Este líder, que teve grande intimidade com Deus a ponto de falar com ele "face a face", é autor do primeiro plano de desenvolvimento sócio-econômico e iniciou o processo civilizatório da humanidade em bases científicas ao organizar a nação judaica dentro dos princípios institucionais fundamentados no Código das Tábuas da Lei. Descendente da tribo de Levi, seus pais

infundiram-lhe indelevelmente o amor ao único e verdadeiro Deus e lhe insculpiu um caráter de retidão e lealdade.

Se aqui estivesse no comando, Moisés talvez mostraria à Nação que o proposto modelo brasileiro de desenvolvimento não é outra coisa senão o novo jargão das elites, cujo carro-chefe é a Febraban e Fiesp, mais precisamente, novos artifícios e manipulações dos remanescentes do velho sistema colonial da economia brasileira, que domina e decide desde o século XIX.

Mostraria que o velho sistema insiste e continua fazendo prevalecer a sua vontade: que a economia brasileira deva continuar atrelada ao sistema internacional de capitalismo na posição de simples dependente dele. Referimo-nos à dependência e subordinação da economia brasileira ao contexto internacional de capitalismo.

Mostraria Moisés ao povo brasileiro as falhas na área econômica encontradas hoje. Os mentores do plano FHC são conscientes de que a crise brasileira continuará agravando em consequência de tal subordinação, rezando pela Cartilha de consagrados autores norte-americanos. Sonham de olhos abertos com o mundo "Keynesiano" ou "neokeyniano" procurando moldar a nossa economia dentro de parâmetros e imagens das nações capitalistas, como se o Brasil fosse uma Nação de primeiro mundo. Esquecem, entretanto, que o País está mergulhado no mundo dos subdesenvolvidos, não passando de satélite do capitalismo internacional com um PNB equivalente ao da Polônia.

Por ser incorruptível, Moisés mostraria que o processo inflacionário é uma constante no Brasil, se comportando de forma contínua, com pequenos hiatos de "quebra de moedas", desvalorização artificial, quase sempre realizadas em benefício dos cartéis e grandes exportadores. Mostraria também que a inflação brasileira, mantida pelas elites, com pequenas variações no período de 1914 a 1992, é responsável pela perda do poder aquisitivo da moeda e pelo ciclo infernal: espiral, salário-preço-salário, com hipertrofia das rendas individuais e coletivas, empobrecendo progressivamente a classe trabalhadora no País, sobre a qual incide a maior carga tributária. Moisés mostraria também que as elites brasileiras, se locupletam de mais de 80% das linhas de crédito dos bancos públicos e privados. Não pagam impostos e corrompem. E, finalizaria dizendo que, em 172 anos de independência do Brasil, PC Farias teria sido talvez o primeiro na história, a ser preso e condenado por sonegação.

Mais adiante, mostraria Moisés que, a participação das elites dominantes no PIB cresce na razão direta da elevação do "Gatt" inflacionário. Mostraria também ao povo brasileiro que não

existe vontade política dos nossos governantes (que representam as elites) em acabar com a inflação, a intumescência da economia brasileira. Mostraria quem são os sócios da inflação. Mostraria também, que, enquanto em todos os setores da atividade econômica, os resultados têm sido de regular a sofrível, com a economia operando no vermelho, abaixo de zero, os bancos em 91, 92 e 93, apresentaram taxas de crescimento superior a 13%, alcançando lucros de US\$ 18 bilhões em 1993 e, ainda não estando sujeitos a sobretaxas do IR como acontece nos Estados Unidos e Japão em casos semelhantes. Mostraria que as manipulações na revisão constitucional, sob o pretexto de modernizar a economia, criando espaço para a economia de mercado, beneficiará particularmente os grandes trusts internacionais e outras potências capitalistas, como o Japão e a Alemanha, verticalizando ainda mais a distribuição das rendas, com perda substancial da autonomia e independência econômica.

O plano FHC e a revisão constitucional nos seus aspectos político-econômicos querem da: conotação de um modelo déficit zero, cuja meta principal seria facilitar e acomodar os ânimos da Nação para receber a enxurrada capitalista que fará submergir os interesses maiores da economia brasileira, extrapolando com seus tentáculos, o domínio pleno sobre o Mercosul. A economia brasileira passaria a ter a nova função de porta de entrada do capitalismo internacional.

Primando pela probidade e retidão, Moisés mostraria ainda que este plano até o momento, ainda não adotou e nem colocou em prática nenhuma medida para conter o Gatt inflacionário, que suporta as perspectivas e esperanças de desenvolvimento. Ateve-se tão-somente aos ajustes monetários e fiscais e, na hipótese de se concretizar, concorrerá para generalizar o processo inflacionário rumo à hiperinflação de preços com crescente aumento do desemprego e capacidade industrial ociosa do País.

O escultor Thorvaldsen, ao concluir a sua famosa estátua de Cristo, convidou os amigos para vê-la. Os braços de Cristo estavam abertos, com inflexão para o firmamento e o rosto reclinado sobre o peito. Um amigo indagou, não consigo ver o seu rosto? Ao que o artista replicou: "Se quiser vê-lo terá que ajoelhar-se".

Para vermos a verdadeira face da Nação brasileira, teremos que promover uma limpeza, lançando aos escombros da história as quadrilhas que operam organizadas no Executivo, Legislativo e Judiciário, das quais, a CPI do Orçamento nos apresente uma pequena faceta. Temos que ir fundo. O momento é agora. Amém.

■ Roberto Mendonça é professor, escritor e doutor em Economia